V ENALLI
ENCONTRO NACIONAL
DE LÍNGUA E LITERATURA
CULTURA E LITERATURA:
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO
UNIVERSIDADE FEEVALE

A POESIA INFANTIL DE SÉRGIO CAPPARELLI: UM DIÁLOGO COM A CRIANÇA

Ana Paula Klauck - Feevale[1]

RESUMO
Sérgio Capparelli é um poeta cuja trajetória se estende por três décadas: iniciou em 1983, e teve seu mais recente exemplar publicado em 2010. Este trabalho analisa a obra poética infantil do autor através do estudo sobre como sua poesia se comunica com a infância. São analisados as características e os recursos que constituem os textos, observando-se sua incidência e recorrência, e a forma como se comunicam com o leitor infantil. O modo como a poesia do autor se compõe, quais características e elementos específicos que seus textos utilizam e como eles são compostos para se comunicarem com a infância são as questões que guiam esse trabalho. Os resultados mostram que há mudanças na utilização dos recursos poéticos em cada década, e que as obras do autor se apresentam de diferentes formas em sua relação com o leitor, acompanhando as transformações relacionadas à infância e à produção cultural a ela destinada.
Palavras-chave: Sérgio Capparelli. Poesia infantil. Leitor-criança.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sérgio Capparelli é um poeta cuja trajetória se estende por três décadas, iniciando-se em 1983, e tendo seu mais recente livro de poemas publicado em 2010. Ao longo desse período, o autor recebe diversos prêmios e láureas, sendo reconhecido como um dos mais importantes representantes da literatura infantil brasileira. Sua poesia acompanha vários momentos do gênero, mantendo-se relevante em termos de qualidade estética e apreço do leitor, o que é reforçado pelas inúmeras reedições que seus livros têm por todos esses anos.

[1] Doutora e Mestre em Teoria da Literatura pela PUCRS; graduada em Letras pela Feevale. Atua no grupo de pesquisa *Processos midiáticos e apropriação dos meios de comunicação*, coordenado pela Dr. Sarai Schmidt na Universidade Feevale.

A poesia de Capparelli relaciona-se intensamente com o cenário poético brasileiro, e demonstra ser representativamente importante, considerando-se a qualidade de seus trabalhos. Assim, a forma como esses textos permanecem relevantes, envolvendo-se com o leitor ao longo dos trinta anos em que são publicados, foi o ponto de partida para uma pesquisa sobre a obra. As características que delineiam o fazer poético de Capparelli, os subsídios que utiliza para falar com o leitor e os elementos que compõem o diálogo que sua poesia estabelece com a infância são pilares significativos para se entender sua poesia.

Este artigo tem como objetivo expor algumas questões que foram observadas durante a análise da obra poética infantil de Sérgio Capparelli, atentando-se para o modo como sua poesia comunica-se com a infância[2]. Foram analisados características e recursos que erigem os textos, observando-se sua incidência e recorrência, em um estudo sobre como eles falam com o pequeno leitor. A análise perpassou as três décadas em que os poemas de Capparelli foram publicados e, comparativamente, focou em como os expedientes foram aproveitados ao longo dos anos na interação com a criança, que também assumiu novas características. Observou-se como a poesia do autor se delineou ao longo do período, por quais transformações passou e quais elementos abandonou ou aceitou, a fim de se estudar como sua relação com a infância se esboçou, em se tratando de um público leitor que ganha novos contornos com o tempo.

2 A obra poética de Sérgio Capparelli

Sérgio Capparelli nasce em 1947 na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais. Na década de 1970, estabelece residência em Porto Alegre, onde passa a estudar Jornalismo na

[2] As considerações apresentadas neste artigo são resultado de uma longa análise da obra poética infantil de Sérgio Capparelli, realizada em um período de quatro anos; trata-se dos estudos a que autora se dedicou em seu Doutorado entre os anos de 2009 e 2012. Devido à extensão mais curta em que se apresenta um artigo (em comparação à longa extensão de uma tese), são apresentados aqui apenas os resultados, as considerações e as conclusões obtidas com a análise, atentando-se para os pontos que mais chamaram a atenção na obra de Capparelli. Para ter acesso à pesquisa completa, deve-se acessar a tese da autora, no endereço: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4802

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ao final da década de setenta, publica seu primeiro livro infanto-juvenil, a narrativa *Os meninos da rua da praia* e, com ela, ganha destaque no cenário literário brasileiro. O escritor dedica-se exclusivamente à prosa até o início dos anos oitenta, e inicia sua vasta produção poética com *Boi da cara preta* em 1983. Ao longo dos anos, dedica-se não somente à literatura infantil e juvenil, mas também a estudos sobre jornalismo, sociologia e comunicação de massa, ganhando reconhecimento nessas áreas[3]. Sua carreira como poeta consolida-se no decorrer da década de oitenta, uma vez que é prestigiado com diversos prêmios literários, entre eles, o Selo de Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil em várias ocasiões. Sua trajetória na poesia infantil aufere novos trabalhos, que, em pouco tempo, ganham notoriedade. Nessa época, o autor lança vários livros pelas editoras Kuarup e L&PM; republicados diversas vezes, eles contribuem para o reconhecimento de sua obra poética.

Na década de noventa, o poeta mineiro já é um autor muito conhecido no cenário literário. Sua produção para a criança é representada por um grande número de livros, lançados ao longo dos anos. Nesse período, vários poetas surgem, elevando ainda mais a importância da poesia infantil brasileira, e demonstrando o crescente interesse das editoras em relação a esse tipo de texto. Capparelli, por sua vez, continua a ser reconhecido com diversos prêmios, e sua poesia torna-se cada vez mais autoral e original, galgando um espaço crescente no gênero poético do país.

A década que inicia o século XXI marca a incursão do poeta no suporte virtual. O autor decide disponibilizar vários poemas ainda não publicados em dois sites (www.capparelli.com.br e www.ciberpoesia.com.br) e, para isso, une-se à ilustradora e professora Ana Cláudia Gruszynski, com quem cria textos com recursos sonoros e animações. Os poemas criados com a autora também são lançados no livro *Poesia visual*, destinado ao público jovem. Além da dedicação aos novos suportes, o autor publica vários

[3] As informações sobre Sérgio Capparelli que aqui constam não têm uma fonte específica; elas foram obtidas nos livros e nas páginas na internet do autor. Trata-se de dados esparsos que se completam, obtidos em orelhas e contracapas das obras, além de referências feitas pelo próprio poeta, e depoimentos e comentários obtidos em seus sites.

volumes, que, assim como nas fases anteriores, são reconhecidos pela crítica nacional. Ao final da primeira década de 2000, Capparelli tem publicados cerca de onze livros de poesia infantil, quatro livros de poesia para o público juvenil, uma compilação de poemas já editados, além de várias obras do gênero narrativo e algumas dezenas de textos postados apenas no meio digital.

A vasta obra poética que Sérgio Capparelli dedica à infância traça um caminho que percorre trinta anos de reconhecimento e prestígio no meio literário (AGUIAR; CECCANTINI, 2012). Ao longo de sua trajetória, o autor tem sido visto como um grande expoente do gênero poético, produzindo obras de considerada qualidade e demonstrando disposição em produzir textos que entendam o pequeno leitor. Os trabalhos do poeta desenvolvem-se em fases que revelam diferentes processos para se fazer poesia, moldando-se através de recursos que são aproveitados em disposições diversas. Os expedientes que a poesia do autor apresenta no decorrer dos anos evidenciam as mudanças pelas quais passou sua obra, formando-se de acordo com uma série de contextos que também se modificaram.

A infância, público-alvo de sua produção, acompanhando tendências de sua realidade, que está em constante modificação em aspectos tais como o núcleo familiar e a produção cultural (BUCKINGHAM, 2007), também ganha novas nuances com o tempo; na mesma medida, altera-se a maneira como ela é vista e tratada. A poesia de Capparelli para esse destinatário, então, perpassando os trinta anos em que tem sido produzida e publicada, apresenta características que são responsáveis pela sua constância em termos de aceitação do público leitor e manutenção da qualidade estética. Esses predicados estruturam os versos e atribuem a eles um diferencial que parece ser o responsável pela estabilidade com que sua literatura tem sido recebida pela criança ao longo de todas as fases em que é publicada.

A análise da poesia de Sérgio Capparelli foi conduzida de acordo com o ano de publicação das obras. Três grandes grupos foram formados, compreendendo as décadas de oitenta, noventa e os anos 2000. Salienta-se que algumas publicações dessas décadas que

não se enquadraram no gênero poesia infantil foram excluídas da análise. Trata-se de obras cujo público compreende adolescentes e jovens, constituindo-se como poesia juvenil; é o caso de *Restos de Arco-íris* (1985), *33 ciberpoemas e uma fábula virtual* (1996), *Poesia visual* (2001) e *Duelo do Batman contra a MTV* (2004). Tais publicações apresentam temática e características formais voltadas para a faixa etária adolescente, e se diferenciam das demais obras, voltadas com mais ênfase à criança. Outra obra que não fez parte do *corpus* é a coletânea *111 poemas para crianças*, de 2003, que reúne uma série de poemas do autor publicados ao longo de sua carreira. Optou-se por não incluir esse livro por se tratar de uma antologia, contendo textos em sua grande maioria já publicados em edições passadas. As obras selecionadas para análise, então, compreenderam somente textos para o público infantil publicados em livros inéditos.

Durante a análise dos trabalhos poéticos de Capparelli, os livros foram organizados de acordo com o período de publicação, a fim de se possibilitar a aproximação e o cotejo entre as obras. Os textos foram divididos em grupos que representavam as décadas de oitenta, noventa e 2000; a análise foi realizada a partir de cada grupo de livros, como se mostra a seguir:

- Década de 80: *Boi da cara preta* (1983); *A jiboia Gabriela* (1984); *Come-vento* (1987);

Tigres no quintal (1989).

- Década de 90: *A conquista da liberdade segundo os pássaros* (1991); *O velho que trazia a noite* (1994); *A árvore que dava sorvete* (1999).

- Década de 2000-2010: *Um elefante no nariz* (2000); *Minha sombra* (2001); *Poesia de bicicleta* (2009); *A lua dentro do coco* (2010).

O estudo das obras considerou elementos como arranjo sonoro, ritmo, linguagem, imagens e abordagem temática de assuntos e tópicos em sua relação com o leitor-criança. Para a análise formal, foram utilizadas teorias de Norma Goldstein (2003), Maria da Glória Bordini (1986) e Vera Teixeira de Aguiar (2011); para questões de temas e imagens, foram estudados Gaston Bachelard (2006), Octavio Paz (1982) e Ana Maria L. Mello (2002); as

teorias sobre o leitor foram obtidas nos autores Wolfgang Iser (1996) e Umberto Eco (1986); as ideias sobre infância e as características da criança contemporânea são de David Buckingham (2007), Lucia Rabello Castro (2001) e Shirley Steinberg e Joe Kincheloe (2001). Os poemas de cada década foram analisados em conjunto, e a incidência de elementos e propriedades foi estudada. O que será exposto a seguir, portanto, são as conclusões que foram obtidas através da análise das obras com base nas teorias mencionadas, observando-se a década de publicação de cada grupo.

4 A POESIA PASSADA A LIMPO

A análise da poesia de Capparelli nas três décadas em que foi produzida apontou para uma trajetória singular, em que cada período contribuiu distintamente para o caminho poético do autor em direção à infância. As características que delineiam cada fase assinalam práticas de criação poética que invocam diversos recursos; através de abordagens que se alternam e se recorrem, compõem-se poemas únicos, guiados pelo apelo ao pequeno leitor.

O que se observou foi o envolvimento da obra do poeta em vários processos para atender o leitor infantil; trata-se de textos que adquirem contornos para dialogar com uma criança que se apresenta com características cada vez mais fluidas (BUCKINGHAM, 2007). Na medida em que a infância se constitui como fase plural, envolvendo-se com o mundo em movimentos de aproximação e distanciamento (PRADO Jr., 2010), e caracterizando-se pela instabilidade, a poesia de Capparelli segue um caminho de originalidade e irregularidade cada vez mais evidentes, distanciando-se da fixidez com que era conduzida em termos de forma e conteúdos nos anos iniciais. Essas transformações são observadas gradativamente ao longo das fases em que Capparelli publicou seus livros.

Os poemas de Capparelli da década de oitenta (contidos nos livros *Boi da cara preta,* 1983; *A jiboia Gabriela,* 1984; *Come-vento,* 1987; *Tigres no quintal,* 1989),

constroem um caminho para o leitor-criança pavimentado por pontos em comum e por elementos de identificação. Não há com frequência a preocupação em dar voz à criança através de personagens dessa faixa etária, mas por meio de animais ou outros elementos que possam coincidir com os interesses infantis. O raro uso da primeira pessoa nos poemas demonstra uma tendência à construção descritiva dos personagens e, em certos casos, tons narrativos. O uso da terceira pessoa também contribui para o efeito cômico pretendido pelos textos, já que provoca certo distanciamento capaz de causar humor sem atacar diretamente as frustrações da criança (HELD, 1980). Isso vai ao encontro da temática lúdica representada por animais em grande parte dos poemas: a identificação do leitor se baseia na ficção e na coincidência de características inusitadas, que ele é capaz de identificar pela sua experiência. Não parece haver a necessidade de se falar diretamente da criança, pois ela está representada, em sua lógica, em seus interesses, em suas rotinas através de elementos diversos.

A representação da criança nos poemas analisados ocorre por meio da conversão de elementos que coincidem com um universo infantil específico. Os versos propõem que a criança se veja no texto, sendo capaz de perceber que a produção foi pensada para ela. Para isso, formas, linguagem, temas e imagens conversam com interesses e procedimentos de pensar e agir infantis, transpondo para o poema a infância, que ganha roupagens diversas. A criança está presente nas atitudes dos personagens, em seu pensar e na estrutura imagética e formal do poema, que mimetiza a imaginação, os gostos e o repertório folclórico infantis. Os poemas da década de oitenta de Capparelli apresentam, de acordo com a análise, formas, linguagem, temas e imagens que reconstroem a infância e, principalmente, como essa faixa etária vê o mundo e se movimenta nele.

Nas obras dos anos oitenta, foram encontrados poemas que se atêm a referências folclóricas, e apelam a formas fixas – representadas principalmente pela quadra e pela métrica regular – e a conteúdos que se repetem – tratando de animais e ambientes domésticos em uma perspectiva lúdica; demonstra-se, assim, que o mundo infantil é feito de aspectos recorrentes e bem fixados. Há certa homogeneidade nas obras, revelada em

aspectos formais, linguísticos e temáticos, e representada pelos recursos que se repetem: assuntos, imagens e formas se apresentam exaustivamente, moldando uma criança cujas características são estáveis, bem delineadas e recursivas. A abordagem lúdica recorre à brincadeira, e atende aos interesses e necessidades infantis de modo semelhante nos quatro livros; demonstra-se, assim, pouca instabilidade em relação a questões etárias, visto que todas as obras parecem acolher uma criança da mesma idade, com exigências e curiosidades similares. Nesse viés, os poemas atestam que os limites da infância com a qual se comunicam são definidos, representados pela regularidade na construção poética.

As obras da década de noventa (*A conquista da liberdade segundo os pássaros,* 1991; *O velho que trazia a noite,* 1994; *A árvore que dava sorvete*, 1999) apresentam características diferentes, apontando para uma direção que as distinguem da fase anterior. Os poemas desse período diferem por demonstrarem maior liberdade, ora aproveitando recursos poéticos clássicos, ora distanciando-se deles, em direção à irregularidade. Nessa poesia, predomina uma abordagem metafórica, que direciona o olhar da criança para o nível simbólico, conduzindo-a por caminhos complexos, que dialogam com sua interioridade. Nesse sentido, duas obras (*A conquista da liberdade segundo os pássaros,* 1991 e *O velho que trazia a noite,*

1994*)* assemelham-se, em uma abordagem metafórica que pretende um leitor mais afeito à modalidade escrita, e cujo pensamento já se conforta na abstração (AGUIAR, 2001). A terceira obra (*A árvore que dava sorvete*, 1999), porém, remete àquelas da década anterior, e se define por um tratamento lúdico e uma regularidade formal que concordam na ênfase no significante. Esse livro atende uma criança ainda em fase de experiência linguística, talvez em processo de alfabetização recente (BORDINI, 1986); isso é reforçado pelo grande apelo à sonoridade e pelas formas mais estáveis.

Essas características apontam para uma heterogeneidade em relação ao público leitor da poesia de Capparelli nos anos noventa: há textos para a criança mais velha, afeita a imagens abstratas, de cunho metafórico; há textos para um leitor que ainda mantém uma proximidade com a imagem material da palavra, representada pela sua grafia

e pela sua sonoridade (BORDINI, 1986). Tal fenômeno assinala características singulares em relação à concepção de infância com que se dialoga. Nesse período, já é possível observar que a criança constituída nos poemas é disforme, não apresenta uma faixa etária definida, tampouco se compõe por contornos fixos e estáveis, como na década anterior.

A proposta predominante nos textos da década de noventa, nos quais a abordagem metafórica, que trabalha com conteúdos imageticamente, predomina, dirige-se para uma afirmação da infância, na transposição de elementos que a representem, revelados, em muitos casos, pela própria criança dentro do poema (através de versos que utilizam a primeira pessoa, por exemplo). A preocupação em apresentar o mundo em um viés metafórico, em que os sentidos se constituem em nível simbólico (MELLO, 2001), também aponta para uma atitude de valorização da infância, na medida em que reconhece questões da interioridade com as quais os pequenos devem lidar no caminho do crescimento e da compreensão da vida e do mundo (BETTELHEIM, 1980). A proposta de identificação com o leitor, nessa perspectiva, é conduzida por direções menos oblíquas e mais objetivas, guiada pela proximidade e não pelo distanciamento. Há uma necessidade de se falar da criança ou do pré-adolescente, com ele e em sua voz mais explicitamente, reforçando a tendência em se expor seus interesses, ideias, sentimentos e pensamentos.

A pluralidade com que os elementos são utilizados nas publicações dos anos noventa remete a desejos de experimentação que os trabalhos dessa época parecem esboçar, em um esforço cada vez maior para integrar a infância no texto. As abordagens que delineiam elementos e características ao longo da década apontam para interesses vários, demonstrando uma atitude constantemente revigorada para tratar o leitor, em um movimento de aproximação com a faixa etária. Os poemas, nesse sentido, trazem qualidades calcadas na reinvenção e na reorganização de elementos poéticos e conteúdos recorrentes, além de proporem umaabordagem diferenciada para tratar a criança, trazendo-a para dentro do poema, em vários momentos, como sua própria representante.

É possível inferir que mudanças em relação à esfera da infância, apontadas pelas diferentes competências que a poesia dessa época exige a seu leitor, surgem. As fronteiras

que delimitam a faixa etária começam, assim, a ficar turvas (BUCKINGHAM, 2007); a fluidez que tais delimitações esboçam se reflete na flexibilidade de formas e conteúdos e na comunicação com o leitor, que ocorre em diferentes apelos.

Os anos 2000 revelam textos mais livres e irregulares, quando comparados às décadas anteriores. Apresentam-se quatro obras diferentes entre si (*Um elefante no nariz*, 2000; *Minha sombra*, 2001; *Poesia da bicicleta*, 2007; *Lua dentro do coco*, 2010), organizadas variamente, embora sigam a mesma abordagem lúdica. Todos os recursos linguísticos, formais e temáticos tratados nos períodos anteriores aparecem nessa fase, somando-se, ainda, a novos tópicos e tendências. Uma grande oferta formal, que se mostrou ligada diretamente às propostas específicas de cada poema, foi observada; os assuntos tratados, embora se relacionem com as décadas anteriores, foram ampliados, estendendo-se a outros tópicos, e ganhando novos tratamentos. Atenta-se para a diversidade de temas e para a introdução de argumentos que extrapolam o repertório infantil usual, apresentando geografias e referências estrangeiras ou que pertencem à cultural geral, e não especificamente à infantil.

Além da abordagem lúdica, aparecem imagens que remetem a sentimentos e reverberações infantis, seja na figura da criança ou de animais, o que relaciona o período com as obras das décadas anteriores, indicando a assimilação de ambas. Há, ainda, uma heterogeneidade nas obras que as coloca em diferentes caminhos umas em relação às outras: as duas primeiras (*Um elefante no nariz*, 2000; *Minha sombra,* 2001) aventam uma série de poemas sobre o cotidiano, com imagens divertidas, propondo brincadeiras em tom irreverente e espirituoso, com alternância de formas regulares e irregulares; a terceira obra (*Poesia de bicicleta,* 2007) é composta por poemas mais longos e complexos, misturando uma abordagem lúdica com aspectos que também retomam sentimentos infantis, através de vozes em primeira pessoa que recorrem a formas livres e instáveis; a obra que fecha a década (*Lua dentro do coco*, 2010) apresenta um único poema, que revela uma série de personagens animais como representação das rotinas da infância em contornos formais regulares e com um apelo fônico evidente.

A construção dos poemas da década de 2000 dialoga com aspectos encontrados nos períodos anteriores. Os poemas dessa fase, compondo-se em um viés lúdico, demonstram um envolvimento com as vicissitudes da infância, relacionando-se com as duas décadas e integrando-as. Por um lado, apresentam-se conteúdos recorrentes, como animais representando a infância, suas rotinas e brincadeiras; por outro, aparecem vários poemas que, através da voz infantil, mostram a criança como representação de sua faixa etária. Simultaneamente, são encontrados poemas em que a própria criança constrói o texto, falando de suas experiências, desejos e ideias mais diretamente, sem intermediários. Essa tendência fica mais evidente no livro *Poesia de bicicleta,* que é dividido em capítulos que possuem títulos como "Os bichos que gosto", "Por que gosto de ler", etc., constituindo-se como uma espécie de diário, em que o eu-lírico fala sobre suas individualidades, e destaca referências que o agradam.

A grande oferta de temas e assuntos tratados nos poemas aponta para uma maior atenção aos interesses dos pequenos: não mais seus gostos são limitados a temas relacionados à rotina doméstica e ao folclore, como nas obras iniciais, tampouco aspectos de sua interioridade prevalecem, como na segunda fase. Uma gama variada de tópicos mina as ideias da faixa etária, e é referida das mais diversas maneiras, em uma tentativa de se abranger seu crescente repertório, e de representá-la em suas diferentes características. A multiplicidade de informações combina-se com os diversos fazeres poéticos; essa tendência é ressaltada pelas características estéticas, que apontam para uma informalidade que guia a poesia em caminho livre e criativo. A voz da criança, construída no poema, conduzida pelos muitos assuntos que interessam os pequenos e suportada por uma abordagem lúdica e irreverente, estabelece-se como estratégia para falar com uma criança que tenta lidar com seu universo nas muitas facetas que ele apresenta.

As quatro obras dos anos 2000, portanto, apresentam-se de muitas maneiras, propondo ora uma liberdade formal e temática, que desenha uma década singular, ora uma retomada de características já tratadas, em um diálogo com produções mais antigas. Tal heterogeneidade demonstra que a criança leitora a que o texto se destina também ganha

traços mais livres e menos fixos, necessitando de recursos cada vez mais diversos para atender suas necessidades e interesses. A proposta de tópicos que ampliam o repertório infantil, com referências que não mais fazem parte da esfera doméstica da criança, também vai ao encontro dessa tendência.

Nas últimas décadas, com as rápidas mudanças advindas da pós-modernidade, caracterizada pela importância dos meios de comunicação e pela fragmentação da cultura (BAIRON, 2011), a infância tem se modificado em velocidade mais acelerada. A criança, que antes adentrava o mundo através do adulto, dependendo dos dados que os pais e a escola lhe forneciam (STEINBERG; KINCHELOE, 2001), agora tem autonomia para abastecer seu próprio conhecimento, que é delegado pelo contato com as mídias eletrônicas. O acesso àinformação, agora mais livre e estimulado, formula uma criança cujo repertório se amplia cada vez mais, e cujo desconhecimento de referências diversas é menor em relação a outras décadas (BUCKINGHAM, 2007). A ampliação do alcance do repertório infantil, consequentemente, influencia nas referências cada vez mais diversificadas que os poemas oferecem; a liberdade que guiou conteúdos e formas das obras, como resultado, vai ao encontro da liberdade garantida à infância, em sua incursão pelo mundo do conhecimento.

Em relação às obras da década de oitenta, que se limitavam em formas e conteúdos, os textos de noventa apontam uma flexibilização que culmina em 2000. Nos anos iniciais, os poemas eram conduzidos por passagens estáveis, que indicavam regularidade de recursos e abordagens; em contrapartida, os períodos mais recentes demonstram com o leitor um envolvimento mais plural, representado por uma constituição multifacetada, pelas diferentes técnicas de se tratar os recursos do poema e pela imprevisibilidade de caminhos a serem seguidos. A poesia não se guia mais por esquemas clássicos ou pela recorrência ao folclore: os textos dialogam com a originalidade, admitem predicados variados e se estabelecem em direção à liberdade e à autonomia.

A flexibilidade com que os poemas são construídos também concorda com a versatilidade de vários aspectos do mundo contemporâneo: a família, a escola, a cultura são exemplos (CASTRO, 2001). A não fixidez dos elementos e sua composição voltada à

liberdade, à relativização, à irregularidade aproximam-se da arte poética brasileira adulta, em que os recursos com frequência não obedecem normas clássicas de formação. Essa tendência, de libertar a poesia infantil da forma e da fixidez de conteúdos, aproximando-a da poesia modernista e pós-modernista brasileira (AGUIAR, 1994; GOLDSTEIN, 2003), parece mais uma vez refletir a turbidez que as fronteiras entre as faixas etárias demonstram na contemporaneidade. A poesia para criança, até alguns anos, seguia padrões que a delimitavam como tal, com estabilidade e regularidade características (BORDINI, 1986), distanciando-a da liberdade com que a poesia em geral vinha se delineando em todos os aspetos há quase um século. Ao se aproximar de como a literatura adulta se constitui, e refletir a fluidez das características da infância, a poesia infantil de Capparelli da década de 2000 é representativa do obscurecimento das fronteiras entre faixas etárias.

Assim como o adulto e a criança compartilham uma série de vicissitudes da vida contemporânea, como Buckingham (2007) aponta, em um caminho para a liberdade e para a criatividade que não vê limites, a arte que se lhes destina parece seguir regra semelhante, conformando-se em vieses inesperados, em exigências diversas e em atitudes que se ampliam em abordagens para falar com seu destinatário. Nesse sentido, a poesia de Capparelli é representativa como texto que visa à comunicação com o leitor mirim, uma vez que é capaz de acompanhar sua trajetória, suas mudanças e transformações, em um caminho que privilegia a criança, na medida em que anda de mãos dadas com a infância.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ariés, em sua obra *História social da criança e da família* (1981), afirma que uma das grandes mudanças que marcam o advento da sociedade chamada moderna é a valorização da criança e de sua formação. O autor explica que a infância surge no momento em que o adulto passa a valorizá-la como fase específica da vida e à medida que advêm produções culturais, tais como literatura, vestuário e brinquedos particulares para a faixa etária. A

grande virada em como o adulto passa a tratar a infância, portanto, parte de uma maior preocupação em, de certo modo, resguardar a criança, protegendo-a do mundo exterior e criando para ela uma realidade à parte, na qual ela pode desenvolver suas potencialidades.

Pode-se relacionar a conclusão de Ariés à sociedade e à criança contemporâneas, em direção a uma tentativa de entendimento da infância de finais do século XX e início do XXI. A preocupação com a educação e com a formação pedagógica dos pequenos também tem aumentado, o que se reflete no crescente número de produções culturais focadas no aprendizado infantil (STEINBERG; KINCHELOE, 2001). No primeiro contexto, a infância acaba por ganhar novas cores, à medida que é afastada do mundo adulto. Nos dias atuais, enraizada em seus próprios valores e realidades, a infância, em seu acesso à realidade, agora também filtrado pelas mídias eletrônicas, adquire novos matizes e características.

As relações entre o adulto e a criança, similarmente, parecem sofrer mudanças, e as características das faixas etárias se confundem em vários âmbitos da vida atual (BUCKINGHAM, 2007). Os aspectos que integram o mundo infantil têm muito em comum com a fase adulta, e as rotinas da criança do século XXI estão cada vez mais peculiares, envolvendo muitos tipos de estilos de vida. A infância, nesse sentido, tem uma complexidade que a faz vária, com contornos difíceis de serem estabelecidos; seu caminho perpassa diversas direções, ora aproximando-a, ora distanciando-a da fase adulta, o que torna ainda mais complicadas as delimitações e descrições sobre essa idade.

A preocupação com a infância estimula o maior cuidado com essa faixa etária, no sentido de resguardá-la de algumas operações adultas, das quais participavam até anos atrás. Essa atitude também vem reforçando a infância como fase de encubação, em que muitas atividades de aprendizagem são estimuladas, além do acesso ao conhecimento, encorajado.

Assim, por um lado, a infância é preservada através de sua ausência em atividades de trabalho ou situações de risco; por outro, sua participação no mundo do conhecimento e da informação a colocam em contato com saberes antes restritos, em nível de acesso similar ao de outras idades. O movimento de afastamento e aproximação da infância em

relação à etapa adulta faz com que as fronteiras entre essas faixas etárias sejam muito tênues. Em face desse turvamento, suas características como fase de aprendizagem e de preparação do futuro e o reconhecimento de suas potencialidades tornam-se elementos muito importantes na delimitação da infância na medida em que são os guias para sua inserção no mundo (BUCKINGHAM, 2007). Tal fenômeno inegavelmente ganha força nos últimos anos, seguindo as rápidas mudanças na sociedade, na cultura e nos meios de comunicação.

Similarmente, à medida que o conceito de infância e o tratamento que se designa a ela auferem características incontestáveis, na velocidade dos demais representantes da pós-modernidade (BUCKINGHAM, 2007), as expressões culturais que desejam conversar com os pequenos movem-se, e também se desenham com linhas mais claras e definidas. A partir de predicados mais distintos, a poesia infantil garante sua liberdade para criar e se arriscar. A poesia fica mais ousada e mais livre, liberdade ganha com sua elevação a gênero literário específico. Assim, ela, do movimento inicial de incipiência e inocência, decorrido do surgimento desse tipo de literatura (AGUIAR, 2001), dá lugar a passos firmes e autossuficientes, à medida que, gradativamente, conquista seu espaço como tipo de texto importante na cultura infantil, e acompanha as novas conjecturas do mundo atual. O gênero tem se fortificado em suas próprias qualidades, e se define cada vez mais singular, como se observa na obra de Sérgio Capparelli.

Consolidada, a poesia infantil ganha mais liberdade, mais arrojo, cria mais, inova mais e, por consequência, muda e continua mudando. Em se tratando de Capparelli, que é um autor reconhecidamente criativo, e cujas produções são ricas e inovadoras, as transformações ficam mais claras. Isso porque o poeta é sensível ao seu mundo, e capaz de refletir em sua criação poética as mudanças que ocorrem nas últimas três décadas em que sua poesia circulou nas mãos da criança brasileira.

A poesia de Capparelli caminha em direção à liberdade, ampliando métodos de se comunicar com o leitor mirim. Questões de forma e conteúdo cada vez menos seguem padrões pré-estabelecidos: a poesia do autor tem percorrido um crescente em direção à

liberdade, compondo-se de maneira imprevisível e surpreendente, alinhando-se com a complexidade da atualidade. A criança tem um contato progressivo com diferentes elementos, e, cada vez mais, novas estratégias de comunicação envolvem o universo que a cerca.

Igualmente, a poesia de Capparelli parece se movimentar em direção à diversidade, utilizando recursos vários e reinventando-se ao mesmo tempo em que se alinha com o mundo que representa.

O caminho que traça a poesia de Capparelli é resultado não somente das novas formatações de infância contemporânea, consequência das mudanças naturais na sociedade, mas também da evolução da literatura e, por conseguinte do texto poético. A poesia infantil de Capparelli segue esse caminho e, guiada pelo leitor, se reinventa. O ritmo, a linguagem, as formas, os conteúdos da vida atual são complexos e diversificados, assinalando um cotidiano que se revela em facetas imprevisíveis (GOLDSTEIN, 2003). Assim, a poesia do autor se delineia em elementos mais soltos, liberados da fixidez, prontos para percorrer quaisquer passagens que se façam necessárias. O elemento que predomina na poesia de Capparelli é o ludismo, que torna fluidas as fronteiras entre faixas etárias, gêneros literários e, ainda, entre lugares e tempos. A convergência e a integração, guiadas pela leveza e abrangência dos aspectos lúdicos, caracterizam a poesia infantil contemporânea; um de seus mais importantes representantes, Sérgio Capparelli, mantém-se alinhado à realidade que representa e à criança com quem deseja se comunicar, demonstrando cuidado e preocupação com o leitor.

A obra poética de Sérgio Capparelli mostra-se representativa da trajetória da poesia infantil brasileira, enquanto texto que se envolve com o leitor, e assume as transformações que a criança e seu mundo demonstram ao longo dos anos. Assim como o gênero em geral, a poesia do autor delineia-se a partir de propriedades cada vez mais originais, e que a edificam como texto característico. O caminho que leva a tal situação, no entanto, passa por fases de fixidez de formas e reincidência de certos conteúdos, que palmilham passagens ainda incertas com a certeza de predicados consagrados. Com o

tempo, a confiança na estabilização do gênero traz aos textos de Capparelli qualidades instáveis e uma irregularidade que volta os textos em direção à liberdade e à ousadia.

A obra de Capparelli, com o tempo, cada vez mais adquire características que promovem o diálogo com processos distintos de se fazer poesia, interagindo com gêneros, formas, conteúdos, e adotando abordagens diversas para tratar de vários temas. A liberdade com que a poesia se desenvolve remete a uma complexidade de elementos que, a cada novo poema, comporta-se de modo singular. Nesse sentido, por um lado, a poesia sagra-se como gênero; por outro, suas características são cada vez mais incertas, na medida em que os textos constituem-se com propriedades diversas.

Assim como a infância segue por percursos cujas fronteiras se turvam, definindo-se e, simultaneamente, volatilizando-se, a obra de Capparelli caminha para a originalidade ao mesmo tempo em que se constitui cada vez mais indefinível. Os poemas do autor, mais do que se construírem por meio de recursos que aproximem o pequeno leitor, no intuito de se comunicar com ele, edificam-se em um movimento que parece coincidir com o da infância. A poesia de Capparelli mantém-se alinhada com o público com quem fala, a ponto de aliar-se às transformações e às novas noções que acompanham a criança nas últimas décadas. Seus poemas se envolvem com o leitor a quem se destina, e são guiados no intuito de conversar com ele, e não ficam indiferentes às mudanças na infância contemporânea. Sua poesia, então, modifica-se e se adapta nos passos da criança atual, para poder continuar no caminho de sempre dialogar com os pequenos e representar seu mundo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira (Coord.). *Era uma vez... na escola*. Formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.

AGUIAR, Vera Teixeira. A literatura infantil no compasso da sociedade brasileira. In: ZILLES, Urbano (Coord.). *Gratidão de ser*: homenagem ao Irmão Elvo Clemente. Porto Alegre: PUCRS, 1994.

AGUIAR, Vera Teixeira. CECCANTINI, João Luís (Orgs.). *Poesia infantil brasileira*. Uma ciranda sem fim. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981. BACHELARD, Gastón. *A poética do devaneio.* São Paulo: Martins Fontes, 2006. BAIRON, Sérgio. *O que é hipermídia*. São Paulo: Brasiliense, 2011.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 1980. BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil.* São Paulo: Ática, 1986.

BUCKINGHAM, David. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Loyola, 2007. CAPARELLI, Sérgio. *A conquista da liberdade segundo os pássaros*. São Paulo: Paulinas, 1991.

CAPARELLI, Sérgio. *A jiboia Gabriela*. Porto Alegre: L&PM, 1997. CAPARELLI, Sérgio. *Boi da cara preta*. Porto Alegre: L&PM, 1983. CAPARELLI, Sérgio. *Come-vento.* Porto Alegre: L&PM, 1987.

CAPARELLI, Sérgio. *O velho que trazia a noite.* Porto Alegre: Kuarup, 1994. CAPARELLI, Sérgio. *Os meninos da rua da praia*. Porto Alegre: L&PM, 1979. CAPARELLI, Sérgio. *Restos de arco-íris.* Porto Alegre: L&PM, 1985. CAPARELLI, Sérgio. *Tigres no quintal*. Porto Alegre: Kuarup, 1989. CAPPARELLI, Sérgio. *Minha sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2001. CAPPARELLI, Sérgio. *111 poemas para crianças*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

CAPPARELLI, Sérgio. *33 ciberpoemas e uma fábula virtual.* Porto Alegre: L&PM, 1996.

CAPPARELLI, Sérgio. *A árvore que dava sorvete.* Porto Alegre: Projeto, 1999. CAPPARELLI, Sérgio. *A lua dentro do coco*. Porto Alegre: Projeto, 2010. CAPPARELLI, Sérgio. *Duelo do Batman contra a MTV*. Porto Alegre: L&PM, 2004. CAPPARELLI, Sérgio. *Poesia de bicicleta.* Porto Alegre: L&PM, 2009. CAPPARELLI, Sérgio. *Um elefante no nariz.* Porto Alegre: L&PM, 2000.

CASTRO, Lucia Rabello. Apresentação. In: CASTRO, Lucia Rabello (Org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

CASTRO, Lucia Rabello. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: CASTRO, Lucia Rabello (Org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986. GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons e ritmos*. São Paulo: Ática, 2003.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder*. As crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus, 1980.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. v.1. e v.2. São Paulo: 34, 1996.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e imaginário*. Porto Alegre: PUCRS, 2002. MELO, Verissimo de. *Folclore infantil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PRADO Jr., Plínio W. O suplício da infância: notas sobre Bergman e a condição de infans. In: KOHAN, Walter Omar (Org.). *Devir-criança da filosofia*. Infância da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

RAMOS, Flávia B. A poesia infantil a caminho da emancipação. In: Cecil Zinani; Salete P Santos. (Org.). *Multiplicidade dos signos: diálogos com a literatura infantil e juvenil*. Caxias do Sul: UCS, 2004.

RAMOS, Flávia B. *Leitura do livro de poesia infantil brasileira: a gangorra entre a obra e a criança.* 2001. 247 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

RAMOS, Flávia B. O processo lúdico de construção da obra pelo leitor. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul: UNISC, v. 28, n.44, 2003.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe L. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe L. (Org.) *Cultura Infantil*. A construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.